
IDEOLOGIA DO BRANQUEAMENTO: CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS E SOCIAIS VIVENCIADAS POR MULHERES NEGRAS DA CIDADE DE LUIS EDUARDO MAGALHÃES- BA

Ideology of whitening: psychic and social consequences experienced by black women in the city of Luis Eduardo Magalhães- BA

Jheniffer Naddiny Alves Amorim¹

Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira – Luís Eduardo Magalhães/BA
jhenifferamorimpi@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/8712293591471913>

Fabiana Regina da Silva Grossi²

Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira – Luís Eduardo Magalhães/BA
fabiana.grossi@yahoo.com.br

 <http://lattes.cnpq.br/8006397305740459>

RESUMO: O presente artigo pretendeu explicar o tema da influência da ideologia do branqueamento e as consequências psíquicas e sociais vivenciadas por mulheres negras da cidade de Luís Eduardo Magalhães- BA. Falar sobre as consequências do racismo contra mulheres negras é de extrema importância devido aos impactos psíquicos e sociais derivados de preconceitos e ideologias. Desse modo, realizou-se uma pesquisa de formato qualitativo. Foram entrevistadas nove mulheres negras, em uma entrevista semiestruturada; os resultados foram analisados por meio de análise de conteúdo de Bardin. Com a pesquisa, nota-se três categorias finais essenciais para discutir a temática: A Não Aceitação das Características Negras, Dificuldades na Construção da Identidade e Racismo Institucional. Nessa perspectiva, há quatro categorias intermediárias: Transição Capilar, As Consequências do Racismo na Autoestima, A Invisibilidade de Corpos Negros e Formas de Enfrentamento Diante ao Racismo. Sendo possível compreender as graves consequências psíquicas e sociais do racismo para mulheres negras, bem como afeta no processo de construção da identidade negra, influenciando também nas formas como elas enfrentam o racismo; além disso, seus traços e sua estrutura capilar são estigmatizadas como algo negativo e sua capacidade intelectual e sua base financeira são inferiorizadas, influenciando diretamente no processo da construção da autoestima.

Palavras-chave: Ideologia do branqueamento. Mulher Negra. Racismo.

ABSTRACT: This article intended to explain the theme of the influence of whitening ideology and the psychological and social consequences experienced by black women in the city of Luís Eduardo Magalhães- BA. Talking about the consequences of racism against black women is extremely important due to the psychological and social impacts derived from prejudices and ideologies. Therefore, qualitative research was carried out. Nine black women were interviewed in a semi-structured interview; the results were analyzed using Bardin content analysis. With the research, three final categories essential to discuss the topic were noted: Non-Acceptance of Black Characteristics, Difficulties in the Construction of Identity and Institutional Racism. From this perspective, there are four intermediate categories: Hair

* **Editora Responsável:** Fabiana Regina da Silva Grossi Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8006397305740459>

¹Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira (UNIFAAHF).

²Doutora em Psicologia. Docente do Centro Universitário Arnaldo Horácio Ferreira (UNIFAAHF).

Transition, The Consequences of Racism on Self-Esteem, The Invisibility of Black Bodies and Ways of Confronting Racism. It is possible to understand the serious psychological and social consequences of racism for black women, as well as how it affects the process of building black identity, also influencing the ways in which they face racism; Furthermore, their features and hair structure are stigmatized as something negative and their intellectual capacity and financial base are diminished, directly influencing the process of building self-esteem.

Keywords: Whitening ideology. Black woman. Racism.

SUMÁRIO: INTRODUÇÃO; 1 MÉTODO; 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO; 2.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICO E ECONÔMICOS; 2.1.1 Análise dos resultados relacionados a pesquisa; 3 A NÃO ACEITAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS NEGRAS; 3.1 TRANSIÇÃO CAPILAR; 4 DIFICULDADES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE; 4.1 AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO NA AUTOESTIMA; 5 RACISMO INSTITUCIONAL; 5.1 A INVISIBILIDADE DOS CORPOS NEGROS; 6 FORMAS DE ENFRENTAMENTO DIANTE AO RACISMO; CONSIDERAÇÕES FINAIS; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, aconteceu uma grande miscigenação entre brancos e negros, influenciada pela ideologia do branqueamento, ideologia essa criada pela hegemonia branca, com o intuito de aumentar a população miscigenada, já que a população negra era considerada inferior quando comparada a população branca. (BENTO, 2014). Nessa perspectiva, o branqueamento, “apaga de nossas memórias as conquistas que nós, pessoas negras, temos tido ao longo da história do Brasil. Conquistas individuais e coletivas” (SANTANA, 2016 p.15).

Falar sobre preconceito, racismo e discriminação é de extrema importância, visto que, há diversas consequências psíquicas decorrentes disso. Uma delas é o negro tentar de todas as formas embranquecer para se encaixar no padrão social. O branqueamento é tão intenso, que faz pessoas negras tentarem de várias formas se aproximar do padrão branco. “O sujeito negro é forçado a se identificar com a branquitude, porque as imagens de pessoas negras não são positivas” (KILOMBA, 2019 p.154). O sujeito negro acaba não se identificando com seus traços, pele e cabelo, sendo assim, o embraquecimento se faz presente em busca de um pertencimento social e inclusão nos padrões sociais estabelecidos, como por exemplo: alisar ou raspar os cabelos, afilar traços e desejar a invisibilidade do seu corpo negro (VEIGA, 2019).

Os negros lutaram e pressionaram os setores sociais para alcançar a liberdade e após mais de trezentos anos de escravidão começa o processo de abolição. Porém, o sofrimento não acaba por aí, no Brasil o racismo científico permaneceu excluindo socialmente os negros e tirando sua condição de sujeito. Nesse período, os europeus necessitavam de uma justificativa para continuar com a exploração das pessoas negras, desse modo, as ideologias são criadas e defendidas em prol da economia da Europa estar sendo influenciada mundialmente (SOUSA; BRAGA, 2018).

Atualmente, em decorrência ao aumento dos debates e da luta ao antirracismo, as pesquisas sobre o tema são de extrema importância, especialmente na área da psicologia, para colaborar com a compreensão e a ampliação de informações. Apesar de Luís Eduardo Magalhães ser uma cidade baiana, há um alto índice de pessoas brancas do sul do Brasil, o que acaba gerando mais racismo, discriminação e preconceito no cotidiano de pessoas negras e em relação a isso, nota-se que muitas pessoas negras têm dificuldade em se identificar como negras e procuram meios de embranquecer para se encaixar socialmente.

O presente artigo, portanto, busca compreender as consequências psíquicas e sociais vivenciadas por mulheres negras da cidade de Luís Eduardo Magalhães-BA. Tem como objetivos específicos: identificar os dados sócio demográficos e econômicos das mulheres participantes da pesquisa; compreender a ideologia do branqueamento e os meios que as participantes encontraram como tentativa de embranquecer; analisar as dificuldades enfrentadas por serem mulheres negras e entender as formas de enfrentamento ao racismo.

Dessa forma, a presente pesquisa pretende colaborar com posteriores estudos que tenham ligação com o tema, além disso, promover o conhecimento sobre as entrevistadas acerca de sua própria identidade negra, como a ideologia do branqueamento gera consequências psíquicas e sociais para essas, bem como verificar as principais formas de enfrentamento ao racismo. Nessa perspectiva, as informações pode auxiliar também os movimentos políticos, a luta antirracista e possíveis programas para a amenização dos danos psíquicos e sociais derivados do preconceito e da discriminação.

1 MÉTODO

O presente artigo se baseia em uma perspectiva da Psicologia Sócio-histórica que propõe abandonar “definitivamente as visões naturalizantes de homem e de mundo, adotando perspectivas históricas” (BOCK, 2004, p. 9). Tem como cenário a junção de dados em relação ao sofrimento vivenciado por sujeitos negros desde a época escravocrata. Bock (2008) afirma que os sujeitos precisam ser pensados em um ângulo que leve em consideração a sua história como uma de suas mais importantes características.

Nesse estudo o método utilizado foi o qualitativo, visto que segundo (MINAYO, 2017, p.4) “a amostra de uma pesquisa qualitativa deve estar vinculada à dimensão do objeto (ou da pergunta) que, por sua vez, se articula com a escolha do grupo ou dos grupos a serem entrevistados e acompanhados por observação participante.”

A pesquisa foi realizada na clínica escola de psicologia de uma instituição de ensino superior na cidade de Luis Eduardo Magalhães, Bahia, seguindo o protocolo de segurança do COVID-19. A coleta de dados foi realizada com nove mulheres negras atendidas na clínica escola de psicologia. A entrevista contou com a presença de seis questões relacionadas aos dados sócio demográficos das participantes, e quatro perguntas relacionadas ao tema central da pesquisa.

O contato foi inicialmente realizado por telefone celular. É importante considerar que a entrevista semiestruturada foi gravada por áudio com autorização das participantes que também concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A seleção das participantes envolvidas foi realizada como as características da amostra por conveniência: dez mulheres negras do município de Luís Eduardo Magalhães-BA, que eram atendidas na clínica escola de psicologia, tendo acima de dezoito anos de idade e que

concordaram em assinar o TCLE, tendo como critério de exclusão mulheres incapacitadas de responder devido a transtornos mentais e uso de substâncias psicoativas.

A coleta dos dados foi realizada sob autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário São Francisco de Barreiras (UNIFASB) sob o parecer: 4.837.775, CAAE 48156521.4.0000.5026, no mês de julho de 2021.

Os registros das respostas foram transcritos de maneira fidedigna em papel A4, mediante as gravações. Os dados passaram por uma análise de conteúdo de Bardin, sendo que esse tem um objetivo de demonstrar uma crítica referente a análise de conteúdo em pesquisas tanto qualitativas quanto quantitativas, a fim de obter a compreensão do que está entrelaçado nas palavras. Para Bardin (2006, p.38) a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Assim, foi mantido o sigilo das respostas dadas pelas participantes. A primeira parte, relacionada aos dados sócio demográfico e econômicos foram apresentados em forma de tabela. Em seguida, foram identificadas as seguintes categorias: A não aceitação das características negras e dificuldades na construção da identidade e racismo institucional. As participantes foram identificadas com as iniciais dos seus nomes, sendo que participantes com nomes de iniciais iguais acrescentou-se um numeral dois na frente.

2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICO E ECONÔMICOS

A tabela 1 apresentada a seguir, aponta os dados sócio demográficos e econômicos das nove participantes da pesquisa, que tem como fundamento relacionar com a realidade social. Seguem os dados coletados: idade; nível de escolaridade; estado civil; renda; número de pessoas que mora(m) com você e profissão.

Tabela 1. Dados sócio demográficos e econômicos das participantes

	Idade	Escolaridade	Estado civil	Renda	Moradia	Profissão
T	19	Ens. Superior incompleto	Solteira	Uma dois Salários mínimos	1 pessoa	Secretária
K	24	Ens. Superior completo	Solteira	Um a dois salários mínimos	4 pessoas	Financeira

A	20	Ensino superior incompleto	Solteira	Um a dois salários mínimos	2 pessoas	Auxiliar administrativa
C	33	Ensino superior incompleto	Casada	Um a dois salários mínimos	3 pessoas	Auxiliar contábil
M	20	Ensino superior incompleto	Solteira	Cinco salários mínimos ou mais	2 pessoas	Não trabalha
C.2	46	Ensino superior incompleto	Divorciada	Dois a três salários mínimos	2 pessoas	Comerciante
F	25	Ensino superior completo	Casada	Um a dois salários mínimos	2 pessoas	Administradora
A.2	45	Ensino superior completo	Divorciada	De três a quatro salários mínimos	Sozinha	Financeira
M.2	34	Ensino Médio Completo	Casada	De cinco salários mínimos ou mais	2 pessoas	Artesã

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

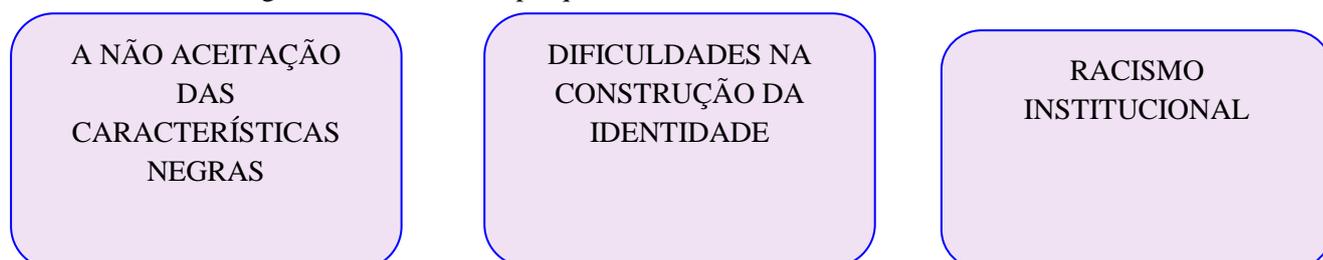
Os dados sócio demográfico e econômico das participantes da pesquisa demonstram que a amostra foi realizada com mulheres adultas, com idade entre 19 e 46 anos, dessas quatro são solteiras, três são casadas e duas são divorciadas. Uma entrevistada mora sozinha, uma mora com uma pessoa, outra mora com quatro pessoas, outra mora com três pessoas e cinco entrevistadas moram com duas pessoas.

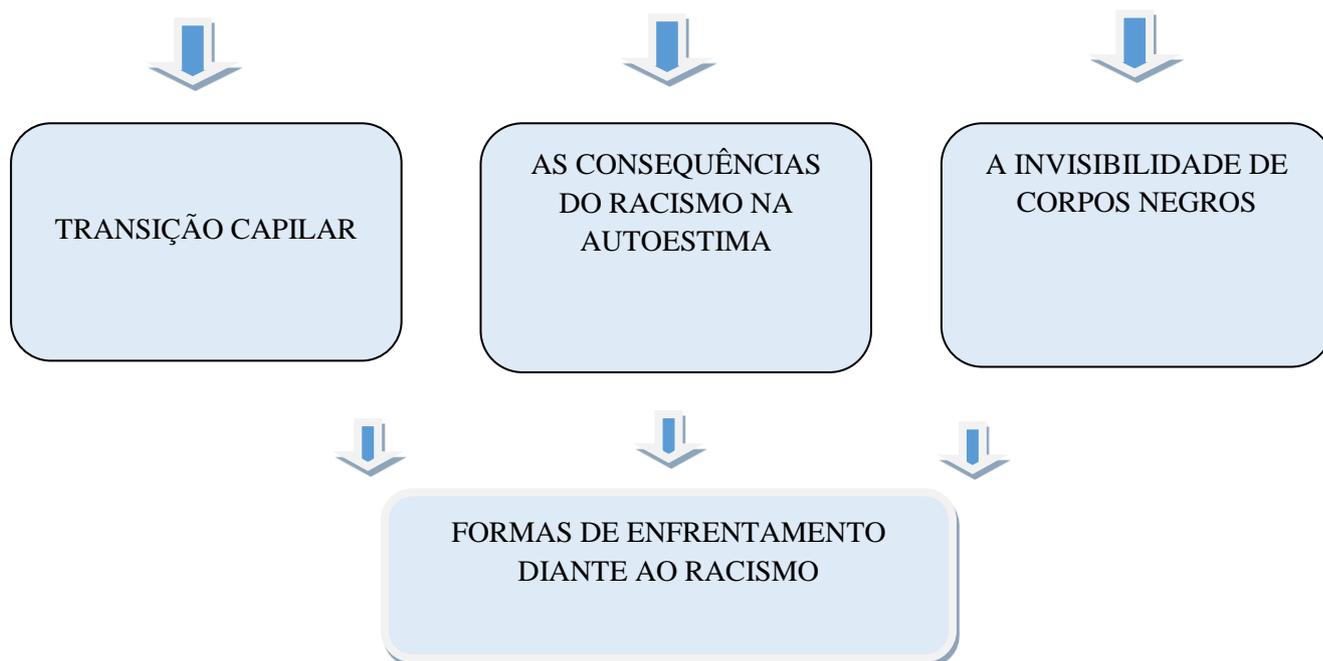
Em relação ao nível de escolaridade, uma possui ensino médio completo, cinco possuem ensino superior incompleto e três possuem ensino superior completo. Nessa perspectiva, uma entrevistada é secretária, outra é auxiliar administrativo, outra auxiliar contábil, duas são financeiras, uma administradora, uma comerciante, uma é artesã e uma não trabalha. Tendo as rendas de: cinco entrevistadas ganham de um a dois salários mínimos por mês, duas ganham cinco salários mínimos ou mais, outra ganha de dois a três salários e uma de três a quatro.

2.1.1 Análise dos resultados relacionados a pesquisa

A seguir, segue a tabela das categorias encontradas nos discursos que foram transcritos, a fim de compreender os desdobramentos dos dados que foram apresentados nas falas transcritas das entrevistadas. Há três características finais e quatro categorias intermediárias.

FIGURA 1. Categorias relacionadas à pesquisa





Fonte: Elaborado pela autora (2021).

3 A NÃO ACEITAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS NEGRAS

“O cabelo é um dos principais focos de preocupação para a população negra, principalmente para as mulheres negras, ele deixa de ser um simples traço fisiológico, uma vez que carrega um sentido social, enquanto signo de identidade” (GOMES; DUQUE-ARRAZOLA, 2019 p.187). Além disso, como a pessoa negra é sempre remetida a estereótipos negativos, o processo de autoaceitação vivencia dificuldades, como demonstra a fala da entrevistada a seguir:

(T) Eu não aceitava minha cor também. Eu vim aceitar a minha cor quando eu já tinha uns quinze anos, quando eu me descobri entre aspas como mulher negra.

Nessa perspectiva, é comum que haja estratégias de modificar os traços físicos negros indesejados, vistos como fora do padrão de beleza adequado. Para isso, mulheres negras optam por alterar a estrutura do cabelo, por meio de alisamentos, afim de camuflar seus traços, trazendo à tona o embranquecimento (MATOS, 2017) pois, pensa-se que a partir daí, o racismo e as falácias sobre o tipo e forma da estrutura do cabelo serão amenizados. Nota-se esse aspecto de alisar o cabelo ou disfarçar traços da negritude nos discursos das entrevistadas, como visto a seguir:

(T) desde muito nova eu alisei o cabelo, eu queria fazer cirurgia no nariz, eu não gostava de sorrir muito assim, porque eu achava muito exagerado a minha boca... E, eu procurei não usar roupas que não decotassem muito meu corpo porque eu achava que era muito desproporcional. Eu acredito que a questão do cabelo sobretudo foi o que mais pegou. Eu comecei a alisar meu cabelo com 10 anos.

(A) eu passei a progressiva no meu cabelo eu tinha onze anos e tipo assim, vei... uma criança, eu nem sabia se era realmente aquilo que eu queria naquele momento,

mas eu queria me sentir sabe.... Fazer parte. Todas as minhas amiguinhas tinham um cabelo liso e tudo mais e aquilo... nossa quando eu paro e penso eu digo: não acredito que eu fiz isso. (...) O cabelo foi uma das coisas, o cabelo foi o que mais me marcou. Mas acho que só, de mexer só, só o cabelo.

(M) acho que o cabelo, sabe? O momento quando você percebe que seu cabelo é muito volumoso e que aquilo não é aceitável, e você quer que de alguma maneira diminua o volume, quando você vai a todo momento no banheiro molhar o cabelo, para ele tirar a maioria do volume, então mais em relação ao cabelo e todo o volume que ele tinha por causa dos cachos.

A expressão “Cabelo ruim” é como o cabelo africano é definido desde a época escravocrata até os dias de hoje. Tais traços da negritude eram definidos como inferiores e por isso, mulheres negras se viam na necessidade de alisar os cabelos com produtos químicos criados na Europa, como forma de ser aceita pela branquitude. (KILOMBA, 2019) “Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste” (GOMES, 2006 p.3).

Mulheres negras aprendem a não gostar do aspecto do seu cabelo, como escutam diariamente coisas negativas em relação ao seu aspecto, elas procuram formas de modificar sua estrutura. Com isso, há um desgaste emocional, pois é um processo complicado até alcançar os modelos estabelecidos, atingindo negativamente seu amor próprio. (SILVA BUENO; AZEVEDO, 2019) como dito na fala de uma entrevistada:

(M.2) sim, meu cabelo. Foi uma das coisas que eu tinha e eu lembro de quando eu era criança, eu amava meu cabelo cacheado, eu amava aquela forma que tinha e de repente fui bombardeada “que cabelo feio” “está bagunçado” fui me deixando levar, até por minha mãe, porque quando criança a gente não opina muito.

3.1 TRANSIÇÃO CAPILAR

O uso do cabelo afro é tido como símbolo de resistência racial, principalmente quando se trata de mulheres negras, o cabelo é parte do corpo social, sendo ele um destino a compreensão acerca da identidade negra. (GOMES; DUQUE-ARRAZOLA, 2019) A transição capilar é importante no processo da autoaceitação, ela faz parte de um movimento revolucionário e de resistência, o cabelo crespo/cacheado sempre foi o principal foco de comentários negativos, visto e denominado como feio e ruim.

Hoje em dia, apesar de haver mulheres negras que realizam o procedimento de alisar os cabelos, por outro lado, muitas delas optam por passar pelo processo da transição capilar, que consiste em abdicar de aplicar química no cabelo para que eles cresçam na textura natural e isso é uma forma de enfrentamento, empoderamento e fortalecimento na luta antirracista como forma de protesto, que acaba influenciando na autoestima da mulher negra. (MATOS, 2017) desse modo, a seguir o relato das entrevistadas em relação ao processo de aceitação do cabelo natural:

(K) eu nunca fiz progressiva, nem nada do tipo. Porém, o meu cabelo era muito volumoso e eu tenho as consequências até hoje do relaxamento, porque ele nunca mais atingiu o tamanho que era, ele era enorme. O relaxamento... por tudo mundo falar “nossa, seu cabelo está muito volumoso, está muito feio” e também por questão de para onde a gente vai, mercado, igreja, escola... os cabelos são muito diferentes daquele que a gente tem, então é como se fosse uma imposição pra a gente ser aceito

também, e parar com as críticas. Então eu dei uma amenizada, mas não alisei, não assumi o estereótipo branco.

A transição capilar colabora para que a mulher ressignifique o olhar para si mesma, sendo movimento de resistência, já que teve durante tanto tempo a estética desvalorizada e marginalizada (SOUZA, 2018). Nos discursos das entrevistadas nota-se uma ligação entre o cabelo, transição capilar e o processo de autoidentificação:

(F) desde nova, com 5 anos a minha mãe alisava meu cabelo, relaxamento. Escovava e pranchava direto, eu não conhecia meu cabelo como que ele era, e aí, a partir de 2013 eu decidi que não ia mais alisar, e aí eu decidi que eu não precisava ser daquele jeito mais e eu passei pela transição. Eu acho que essa questão do cabelo, de querer ter o cabelo de alguém branco, de alguém que tem o cabelo liso me influenciou bastante. E aí depois eu decidi ver minha identidade.

Porém, passar pela transição capilar na maioria das vezes é um processo muito difícil para as mulheres negras, pois até mesmo nessa mudança elas sofrem preconceitos e críticas devido as duas texturas de raiz crespa ou cacheada e as pontas lisas com química que ainda permanece até ser cortada. O discurso da entrevistada a seguir mostra as dificuldades vivenciadas nesse processo:

(A) Passei por transição capilar, antes meu cabelo era liso, daí faz pouco tempo, esse ano. Comentários do tipo: nossa, porque você bagunçou seu cabelo, eu gostava dele tão arrumadinho. Nossa, parece que você levou um choque, o que que aconteceu? (...) a transição capilar mesmo foi um processo muito doloroso para mim, porque eu não conseguia mais me ver, me enxergar de cabelo liso, parecia que toda vez que eu tinha que alisar era um sacrifício, porque eu chorava no espelho quando eu lavava o cabelo e via os cachinhos e tipo, eu não podia sair daquele jeito e eu chorava tanto, tanto, tanto e quando eu fiz, eu fiz por mim, para mim. Eu não tive apoio nenhum. Minha mãe falava: assim é tão melhor, porque ela também faz, né? E aquilo já parecia que toda vez que eu pranchava eu tinha que esconder, sabe? E aquilo me dava uma dor no peito tão grande, tão grande... tanto que foi pá pum, deu a louca e eu falei: nunca mais vou passar prancha na minha vida e assim eu fiz, só que no início doeu muito porque todo mundo olhava diferente e aquilo, nossa....

Levando em consideração que o cabelo além de ser biológico é também uma parte da mulher na qual pode-se expressar sua identidade, a entrevistada relata o quanto foi difícil esse processo no próprio âmbito de trabalho, o que fez ela desistir da transição capilar, fator esse que comprometeu sua autoestima.

(M.2) mas em outras situações já tentei deixar meu cabelo natural e gostava do aspecto ondulado sem alisante, e toda vez que eu usava ele natural, eu era criticada na empresa onde trabalhava, que meu cabelo não estava alinhado, que não estava de acordo com o padrão do escritório. Isso fez com que eu deixasse de lado a vontade de assumir meu cabelo natural. Aquilo me causou tanto medo de perder meu emprego na época que eu andava com uma chapinha dentro da bolsa para tentar deixar meu cabelo alinhado, mais liso possível porque eu tinha medo real de perder meu emprego no escritório, porque as meninas que trabalhavam comigo eram brancas e tinham o cabelo liso natural e só o meu era liso tratado, então eu ficava com muito medo, eles chamavam

atenção, me pressionavam muito em relação a isso. Não era uma coisa disfarçada, era claramente e eu tinha muito medo, então passei a andar com uma chapinha dentro da minha bolsa para poder me manter no padrão do povo.

4 DIFICULDADES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O conceito de sujeito está interligado com a própria identidade. Por isso, faz-se necessário que haja uma autoidentificação, que segundo (VAZ; BONITO, 2019, p.2) “só é feita após as referências sociais, que seria como um norte para tudo que somos, só podemos afirmar que somos algo após conhecermos e nos identificarmos e isso acontece em um processo de conhecimento do sujeito.”

A identidade negra vai se construindo desde as primeiras relações, em um processo gradual que inclui a família e o meio social. Esse processo está ligado com aspectos relacionados a um desenvolvimento histórico, cultural, social e plural. (GOMES, 2002). Nessa perspectiva, a pessoa negra passa por inúmeras dificuldades nesse processo de construção da identidade, já que ela é ensinada a negar a sua própria negritude. (VAZ; BONITO, 2019 p.2) A fala da entrevistada a seguir mostra esse aspecto da influência familiar, quando a mãe dessa afirma que ser negro é ruim e ela concorda e se cala:

(C) eu concordava com o que ela falava, era minha mãe ne? Então era certa. Da minha família só tenho eu mais moreninha, os outros são mais clarinhos. A minha mãe era da minha cor, ela se achava feia e negra. Ela também não gostava da cor dela e tinha muito preconceito contra os negros. Eu não tinha preconceito, só me achava feia.

A experiência de construção e ligação de identidade parte da família e para muitas pessoas negras é uma das primeiras formas de contato interétnico. O racismo é aprendido dentro da própria família, na escola e nas mídias. “No entanto, ao adquirir uma maior compreensão sobre esse processo, as pessoas têm a responsabilidade de tentar identificar, interromper este ciclo de opressão e alterar seu comportamento” (BENTO, 2014 p.156).

(T) eu tenho o quadril largo e as pessoas com quem eu vivia, principalmente familiar... era uma coisa de comparação, porque as minhas primas são brancas, de cabelo liso, no máximo ondulados e magrinhas então eu criei, eu tive corpo muito cedo e isso me fez muito mal, porque elas eram magrinhas e tinha toda aquela comparação. E eu procurava meio que esconder para não chamar atenção, porque para mim eu estava chamando atenção.

(F) na minha família também sentia e sinto um certo preconceito, eles não me dão muito valor pelo o que sou e pelo que faço. Meus primos sempre fizeram questão de enfatizar a cor da minha pele, de me excluir, zoar, colocar apelido e tal.

A ideologia do branqueamento influencia diretamente na construção da identidade do sujeito negro, visto que há um imaginário excessivamente negativo sobre a negritude que causa diversas consequências ligadas a sua autoestima devido a discriminação presente em sua vida

e é assim que vai se construindo as desigualdades sociais (BENTO, 2014). Nessa perspectiva, (FANON, 2008 p.104) afirma que:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera de densas incertezas.

Grada Kilomba discorre sobre corpos negros e o quanto são forçados a não se pertencer, pois são vistos como inapropriados e inferiores quando comparados aos corpos brancos (KILOMBA, 2019). Isso demonstra o quanto é difícil o processo para o negro se reconhecer como negro em uma sociedade que o racismo está impregnado.

Nessa perspectiva, o processo de se assumir como mulher negra facilita no aspecto da autoestima. Assumir uma identidade negra, de certo modo, pressupõe tomar para si determinados significados que são aceitos como verdadeiros, estabelecendo um regime de diferenciações entre aquilo que se é ou aquilo que não se é (ou que não se pretende ser) (WESCHENFELDER; FABRIS, 2019). As falas das entrevistadas quando se dão conta que são negras mostram esse processo:

(T) para mim, isso foi libertador, porque a partir do momento que eu comecei a estudar o colorismo negro, a mulher negra como um todo e eu me identifiquei ali, eu comecei a perceber uma mulher que existia dentro de mim. Antes eu era muito perdida sem saber o que eu realmente era ou o que queria, queria seguir o ideal, mas aquele ideal não se encaixava a mim e me fazia triste e foi aonde que eu comecei a ver toda essa questão da autoestima, dessas mulheres e fui aceitando a minha cor e o meu cabelo.

(C.2) Só que com o passar do tempo, de 9 anos para cá, eu coloquei uma moça para trabalhar comigo na minha empresa e ela era negra mesmo do cabelo, daqueles cabelos... sabe? E ela se achava linda, ela se achava perfeita e eu ficava admirando ela, como que ela se acha bonita dessa cor, só que aí eu encostava perto dela e era quase a mesma cor e aí eu falei: se ela é bonita, se ela se acha bonita eu também sou. Aí isso saiu o preconceito em mim mesma, na minha cor mesma saiu de mim. Por conta da minha criação.

4.1 AS CONSEQUÊNCIAS DO RACISMO NA AUTOESTIMA

A autoestima é contruída através de uma série de fatores, tais como: autoconhecimento, interferências exteriores, como o ambiente escolar, familiar, cultural e social. Desse modo, quando há baixa autoestima é consequência do padrão estabelecido socialmente, fazendo as pessoas que sentem que não se enquadram nesse padrão ficarem frustradas. (ROSÁRIO, 2019)

(C.2) quem tinha essa dificuldade era eu mesma, porque pela criação da minha mãe, ela criou a gente já com preconceito de negro, ela passava para a gente que a nossa cor era feia, então eu mesma tinha preconceito comigo mesma, eu achava a minha cor horrível, quando eu chegava nos lugares eu já achava que eu era feia por causa da minha cor, eu já me sentia rejeitada. (...). Eu me sentia inferior, eu ainda tenho isso até hoje, me sinto inferior, eu nunca me livre disso, mas eu me sinto inferior aos brancos, ainda sinto isso.

A autoestima da mulher negra foi afetada desde a época da escravidão, devido aos estereótipos negativos voltados a etnia negra, fez com que a mulher negra neguesse a si, suas semelhantes e sua própria cultura, valorizando assim a cultura europeia que sempre foi remetida

a posição positiva no imaginário da cultura brasileira. (QUEIROZ, 2019) tal fato é notado nas falas das entrevistadas:

(T) na questão da autoestima, você se sente menos que as outras pessoas. É como se elas fossem superiores ou então melhores, simplesmente por serem o que elas são, e você ser apenas um ponto ali... um ponto de destaque, de diferente, que chamaria atenção de forma não natural.

Quando uma estudante é a única de cabelo cacheado da sala é uma das únicas negras da escola, ela tem que representar todas as demais meninas negras que não tiveram a oportunidade de estar lá. A entrevistada (M) teve a oportunidade de estudar em uma escola particular e nessa perspectiva “ela tem de representar aquelas/es que não estão lá, e pessoas *negras* não estão lá porque seu acesso às estruturas é negado.” (KILOMBA, 2019 p.173)

(M) Autoaceitação, sempre foi um grande problema para mim desde pequena, principalmente aqui na cidade, eu estudei em escolas particulares e eu estudei no M. por uns 5 anos mais ou menos e eu era a única menina de cabelo cacheado na sala e uma das únicas meninas negras que tinham lá.

E esse fato de ser a única menina do cabelo cacheado da sala, interfere diretamente na autoestima, devido à falta de representatividade, a falta de não poder se identificar com outras meninas negras, porque elas não estão presentes naquele ambiente predominantemente branco.

(M) eu nunca consegui de certa forma aceitar meu cabelo, sabe? Foi um grande desenvolvimento e eu só consegui isso a partir do ensino médio. Então, eu não sabia o que fazer com ele, eu nunca cheguei a alisar, mas ele nunca ficava solto, eu tinha problemas com o volume dele, sempre foi muito difícil para mim aceitar e até como forma de autoestima, nunca tive uma autoestima muito alta, principalmente em relação a mim e a comparação com as outras meninas de cabelo liso e tudo mais, nesse aspecto foi bem complicado no colégio.

Na fala a seguir, a entrevistada afirma que se considerava parda, e que não conseguia definir que era realmente negra. Esse fator acontece devido o sujeito negro se identificar com a branquitude de maneira forçada, porque no social, imagens de pessoas negras são consideradas negativas. (KILOMBA, 2019)

(M) no colégio, teve um tempo que eu não sabia exatamente me identificar, eu me considerava parda, eu não conseguia definir que realmente eu era negra, só consegui isso a partir de uma professora, mas eu tinha alguns colegas que ficava tipo: “não, você é muito clara para ser negra, você não é negra.” E eu pensava: mas todo mundo da minha família é e porque eu sou a única diferente? Então eu tinha bastante disso e ficava: não, sua cor é muito bonita para ser de negro e tudo mais. E esse tipo de coisa pesava bastante e eu não sabia como reagir. (...). Nas outras partes minha mãe tentava me ajudar bastante, já que minha família é toda afro descendente, ela me ajudava em considerar a minha cor, de certa maneira. Me identificar como uma pessoa negra, ela sempre tentava falar que a minha cor não é ruim e que as pessoas que são preconceituosas e que eu deveria ter orgulho da minha cor.

Outro fator que causa consequências na autoestima da mulher negra, é que quando está na fase escolar, sofre preconceitos e dificulta no processo de construção de identidade. Por vezes, o racismo vem camuflado como *bullying*, mas na verdade não é, quando tais ofensas vêm relacionadas a cor, aos traços e história. Isso se caracteriza como racismo (CARAPELLO, 2020).

(A) sim, na adolescência, na forma de crescimento, por não ter representatividade, tive muitas questões de autoestima, bullying, dificuldades de identidade, de não me reconhecer, de não me sentir aceita, de me sentir diferente, esse tipo de coisa. E eu lidei com isso muito mal, mexeu muito com a minha autoestima, tanto que eu estou tendo que lidar até hoje.

Além disso, há uma grande interferência do padrão ideal estruturado pelo patriarcado no ocidente e a autoestima da mulher negra, que diariamente é reproduzido socialmente e nas mídias: mulher branca, magra, alta e de cabelo liso. Sendo que, as mulheres são as mais afetadas por essas construções. “As mulheres não brancas, principalmente as mulheres negras, em interação com o padrão branco hegemônico machista e sexista de beleza são as que mais sofrem opressão, pois além do machismo e o sexismo, elas têm que lidar com o racismo” (ROSÁRIO, 2019 p.6-7).

(A) afetou muito a minha autoestima, muito mesmo. Tanto que, hoje eu já estou mais confortável, você pode falar o que quiser do meu cabelo que eu não me importo, vai entrar em um ouvido e sair no outro. Mas lá no fundo, lá no fundo eu ainda não tenho autoestima com ele assim, eu me sinto mais confortável, eu me sinto eu, eu sou desse jeito, mas não tenho autoestima. É tanto que para tirar uma foto eu não consigo mais, eu me arrumo e aí olho no espelho e falo: hum... esse cabelo não está legal aí tipo, esses dias eu cortei e fui inventar de pranchar só para ver como é que estava, e daí todo mundo me elogiava, nossa, você ficou tão mais bonita, ficou tão mais legal. Querendo ou não, meu cabelo é tipo a minha maquiagem, liso eu me sinto poderosa, como se eu pudesse fazer tudo, como se ninguém fosse me abalar, eu estou no pedestal. E quando ele está cacheado eu me sinto mais vulnerável, mas eu me sinto mais eu. É como se fosse tipo um escudo, sabe? Que é uma coisa ridícula, que não era para ser assim, não era para a gente achar que vai mudar o cabelo vai mudar uma coisa, só que infelizmente é uma coisa que foi plantada em mim e aos poucos eu estou mudando. Por eu ter passado por essa transição capilar, por eu estar assumindo ele desse jeito já é um longo passo, ne? Eu creio que um dia eu não precise encostar na chapinha.

5 RACISMO INSTITUCIONAL

O racismo institucional tem como objetivo manter as pessoas brancas no poder, para isso, ocorre um domínio com padrões discriminatórios estabelecidos e mantidos baseados na raça do sujeito. Padrões esses: culturais, estéticos e práticas de poder. Se tais instituições são racistas, isso se dá devido a sociedade ser racista. (ALMEIDA, 2019)

O cabelo e os demais traços negroides são usados como fatores para discriminar a pessoa negra no âmbito escolar, sendo a escola um dos lugares que mais marcam a história de vida da mulher negra, é o local que possibilita as primeiras experiências de rejeição e racismo. “Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos”. (GOMES, 2002 p.45)

(K) A minha primeira vivência em relação ao preconceito foi na escola. Eu tinha por volta de 7, 8 anos... e era uma apresentação que estava sendo ali organizada para desfilar no 7 de setembro e eu na inocência pedi muito para ser a branca de neve, e aí a mãe de uma aluna bem ríspida olhou para mim, pegou no meu cabelo e falou que não. Que quem ia ser a branca de neve ia ser a filha dela. Porque não existe branca de neve preta. Então esse foi o primeiro choque que eu tive com relação ao preconceito na sociedade, especificamente na escola, a minha primeira experiência foi essa e a mais impactante também. Porque até então eu ouvia falar, mas era tudo muito, sabe? Eu era negra, mas nunca tinha sofrido na pele o que que é ser negra. Então essa foi a primeira vez. E aí, dia após dia é luta diária, é forma como as pessoas olham, é forma como as pessoas falam: nossa, mas você está fazendo outra faculdade? Como se a cor da pele fosse um impeditivo para isso. (...)foi recentemente, não foi comigo, mas eu tomei as dores. Foi no trabalho, é... eu trabalho na área financeira e administrativa também, a minha patroa tem uma rede social que ela gosta de abordar assuntos da atualidade, e ela quis falar sobre o feminicídio, aí eu passei a foto para os rapazes do marketing fazerem o post e eles me enviaram. O post tinha uma mulher negra e uma mulher tatuada, as duas com o símbolo de força, aí ela gosta de mandar para o marido dela, para ele dá o aval, para ver o que ele achou e ele colocou exatamente assim: “olha, o texto está legal, exceto o gênero. Essa foto cheia de tatuagem e uma mulher negra eu não acho legal, seria melhor um grupo de mulheres normais.” Essa também foi assim como se fosse uma facada no meu coração, porque assim, eu estava lidando com isso e ele não falou isso para mim, falou para ela e ela também na inocência encaminhou a mensagem para mim e eu de imediato respondi: “não entendi, uma mulher negra não é normal?” E aí ela ficou sem ter o que falar, né?

O racismo está ligado a discriminação racial, sendo: “um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas” (ALMEIDA, 2019 p. 34). Nessa perspectiva, Almeida ainda traz que o racismo se vincula aos processos da segregação racial, que define a divisão entre as raças em localidades específicas.

(A) na escola isso foi bem claro para mim e eu acho que assim, né... emprego não, porque eu tive só um. Mas tive questões lá, tipo... com clientes, não com a empresa em si, questões de ... disso. Mas na rua não lembro uma situação específica. Na escola, o bullying em si, questões com o cabelo, formato do meu nariz, tamanho da minha boca. Teve uma vez que eu inventei de ir com o cabelo natural, daí minha mãe fazia aquelas trancinhas, sabe? Eu era novinha, não tinha nem quinze anos ainda e daí eu fui para a escola toda me sentindo a poderosa, só que eu cheguei lá e recebi muitos comentários: “nossa, porque você está com o cabelo assim, nossa, por que que você não penteou seu cabelo hoje?” Daí tinha umas meninas na escola que me viram daquele jeito e vieram se passar de amigas e falaram: vamos lá no banheiro que a gente daí um jeito, daí elas foram lá e cortaram o meu cabelo e me deixou lá com o cabelo cortado.

(F) sim, mas eu nunca foquei muito, acho que mais quando era criança. Exclusão social dos colegas de sala, como estudei em escolas melhorzinhas na cidade, eu sentia uma certa diferença, eu tentei não absorver tanto isso para não ter impactos futuros (...)na escola, trabalho de escola eu sempre tinha que fazer com os que sobravam, ninguém nunca me escolhia, algumas pessoas não olham muito fixo para você, você sente que tem um peso, um olhar diferenciado, no trabalho também.

Os âmbitos jurídicos, econômicos e políticos mantêm a condição da mulher negra como subalterna através de baixos salários e distanciamento dessas a cargos de decisão (ALMEIDA, 2019). Desse modo, quando há uma mulher negra em um bom cargo dentro de uma empresa, isso é visto como algo estranho, já que não é o comum dentro de instituições. O racismo impõe

a ideia de que o negro não é capaz, que é intelectualmente inferior e quando essa conquista algo, acaba gerando questionamentos, como diz a entrevistada no discurso a seguir:

(A.2) A gente mora em uma cidade que tem um percentual muito grande de pessoas brancas, italianas, alemãs e elas se sentem superiores a pessoas negras. Para você ter uma oportunidade de emprego você precisa mostrar que realmente é capaz. Não foi fácil, eu vim para cá trabalhar em 2002 em uma escola particular onde só estuda crianças brancas, filhas de fazendeiros. Pessoas não querem ser atendidas por você por causa da cor da sua pele, não é fácil. Aonde eu trabalho por diversas vezes vi o olhar, a pessoa se dirige ao colega que tem a pele clara antes de se dirigir a você. E quando o colega diz: não, a pessoa que vai ajudar a resolver seu problema é aquela ali, você sente que a pessoa não acredita. E você é obrigada a estar toda hora se impondo e dizendo: Sou eu e não a cor da minha pele. E para você não brigar as vezes você se sai, mas a vontade é dizer: opa, você precisa respeitar o outro, independentemente da cor da pele, do cabelo.

“Se só convivemos com pessoas de um determinado grupo ou classe social, acreditamos que só aquelas pessoas possuem capacidade para determinados cargos, relegando outros grupos a lugares predeterminados, como se não fossem sujeitos capazes” (RIBEIRO, 2019 p.57). Essa afirmação de Djamila Ribeiro é retratada no cotidiano de uma entrevistada que sofre preconceitos e dúvidas sobre sua capacidade aquisitiva e intelectual:

(M.2) em termos de duvidar da capacidade, de estéticas, de críticas em relação a aparência, que não se encaixaria em determinados ambientes, para ser a cara da empresa não seria legal. (...)vários outros olhares e indiretas, “quem te deu essa bolsa?” “Esse carro é seu mesmo?”, “é do seu marido mesmo?”. Como se a gente não pudesse ter algo bom e de valor.

Mulheres, por vezes, precisam abandonar suas origens da África para se sentirem incluídas socialmente, através de: rinoplastia, clarear a pele, alisar os cabelos, entrando no processo de embranquecimento (CASSIANO; ANDRADE, 2018), em uma tentativa constante de se encaixar nos padrões para serem aceitas em instituições e em âmbitos sociais, veja esse fator descrito no discurso a seguir das entrevistadas:

(A) mas outras coisas me incomodavam, o nariz eu falava que iria fazer rinoplastia, que eu queria meu nariz fininho. Eu não gosto de usar batom, porque acho que chama mais atenção na minha boca e eu não gosto, quando eu era pequeninha todo mundo ficava falando: nossa, você tem um beirão e eu: meu Deus, o que é que eu faço? Para rir eu colocava a mão na boca porque eu tinha vergonha de rir, porque eu não queria que ninguém me visse sorrindo... uma loucura.

(M.2) Base do tom de pele mais claro para disfarçar, já deixei de usar roupas que traziam a identidade, pois pareciam roupa de baiana de acarajé, aqueles vestidos soltos que gosto de usar.

5.1 A INVISIBILIDADE DOS CORPOS NEGROS

Em uma pesquisa intitulada como: “Ninguém veio me atender: uma análise do consumo de moda pela juventude negra do DF” por (SILVA, 2019) demonstra o racismo institucional a partir do momento que uma entrevistada afirma que ao entrar em lojas, vendedores não a atendem, e ela acredita que isso ocorre por acharem que ela não tenha condições financeiras para pagar pelo produto. E esse fato aconteceu com muitas entrevistadas, como no relato a seguir:

(M.2) ao entrar em uma loja, a atendente antes mesmo de eu perguntar qualquer coisa, ela falou que não tinha peças para o meu valor aquisitivo. Sem qualquer questionamento meu, sem eu ter apontado qualquer peça, e foi bem constrangedor e eu na hora fiquei tão impactada que eu não consegui nem responder. Essa foi a que mais me marcou.

Corpos negros são constantemente invisibilizados nos locais de predominância branca. (SANTANA, 2016) cita a falta de pertencimento com o cabelo e roupas vestidas por elas, reforçando sempre que casa grande, cafés e restaurantes, além do ambiente acadêmico não fazem parte de sua realidade. Algumas das entrevistadas sentem isso em seu cotidiano:

(T) (...) Racismo e dificuldade em estar em um lugar predominantemente branco e se sentir constrangida. (...) eu acredito muito quando eu vou em lojas, eu estou acompanhada por uma pessoa branca, ela vem e se refere a pessoa branca para falar ou dar a informação. Eu pergunto e ela responde a pessoa branca. Eu acredito que essa são uma das principais que mexe assim comigo. E eu acho interessante essa questão, porque quando eu chego para pagar a pessoa fica depois constrangida, né? Nossa, eu estava falando com a outra pessoa. (...) em um bar, um bar recentemente que eu fui. Se tinha 3 pessoas negras lá dentro era muito. Todo mundo branco, e você fica meio que... você se sente ali que as pessoas estão olhando porque você é de cor diferente e você percebe um lugar de julgamento, como se ali não fosse um lugar para você.

(C) sim, a gente foi no B.F.S., eu e mais duas amigas minha. E a gente foi totalmente ignorada, em todos os ambientes que a gente foi, inclusive no próprio stand que a minha própria colega trabalha e ela é mais negra do que eu e a gente até brincou com aquilo, nossa a gente tinha que ter trazido o M. que é branco, né? Que daí todo mundo ia tratar a gente bem, que ia até pensar que ele era agrônomo. E a gente sentiu totalmente rejeitada no ambiente, banalizada, ninguém atendeu a gente em momento algum, não deu a mínima importância.

A consequência do racismo institucional acaba moldando a forma em que os jovens negros se vestem, há uma preocupação maior nesse fator, mulheres negras procuram estar mais arrumadas nos locais para que a discriminação seja amenizada.

(M) em lojas daqui da cidade, quando você vai em alguma loja, dependendo da roupa que você está vestida ou uniforme que você esteja as pessoas te tratam de forma diferente, tipo, já aconteceu, como meu cabelo é bem volumoso eu cortei, então ele ficou mais volumoso ainda. Eu entrei na loja e a mulher não sabia se olhava para mim ou para o meu cabelo e ela não me tratou como trataria outro cliente, sabe? Eu percebi que teve um pouco de descaso de certa maneira. E também em relação ao uniforme, no ensino médio eu utilizava o uniforme do S. que é um uniforme que é bem parecido com o de escola pública e a mesma loja que eu já fui com o uniforme da M. e com o uniforme do S. eu fui tratada de maneira completamente diferentes por causa dos uniformes, em uma joalheria que fica no centro. E deu para perceber de certa maneira que não só por eu ser negra, mas também pela renda e tudo mais.

Ainda há uma questão que é constante na vida de pessoas negras: a negação da pessoa branca de se estar próximo a uma pessoa negra, que é mais uma maneira de manifestar o racismo estrutural, que segundo (ALMEIDA, 2019) “o racismo, afirma, fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea.”

(M.2) uma festa, no camarote em um carnaval em Salvador estávamos na fila do banheiro e uma menina loira falou que não iria ficar atrás de uma pessoa negra, feia e gorda. Que ela ia passar na minha frente sim, nessa época eu respondi e acionei a segurança do banheiro do camarote que entreviu e retirou ela do local.

6 FORMAS DE ENFRENTAMENTO DIANTE AO RACISMO

O empoderamento feminino e a busca pela identificação por outras mulheres negras auxilia no processo de enfrentamento a situações de racismo, preconceito e discriminação. “O empoderamento se dá a partir do momento em que a opressão é reconhecida e forças são somadas para que haja uma transformação e anulação dessa opressão” (BATLIWALA, 1994, p. 130).

(T) eu busquei muito minha questão da autoestima, vídeos sobre o empoderamento feminino, procurei seguir pessoas que se assemelham a mim nas redes sociais.

O racismo infelizmente é um comportamento esperado, porém, por nunca estar preparado para passar por essas situações, a pessoa negra pode sentir choque e surpresa ao vivenciar situações racistas. “O choque é a resposta à violência irracionalidade do racismo cotidiano” (KILOMBA, 2020, p.218). Nessa perspectiva, a entrevistada mostra em sua fala a seguir o choque que sentiu diante ao racismo, e não soube como enfrenta-lo:

(M.2) A primeira vez que aconteceu mais diretamente, esse da loja eu não tive reação porque eu achei tão absurdo, tão sem sentido aquilo estar acontecendo uma pessoa me julgar pela cor da pele e olha que nem é tão escura, então aquilo me impactou de uma forma, imagina quem tem uma cor de pele mais escura, imagina o que passa. Eu fiquei muito revoltada na época porque eu não consegui responder, eu deveria ter respondido, deveria ter procurado um responsável pela loja, deveria ter exercido meu direito de fala e naquele dia eu fiquei tão assim que só dei as costas e sai, então eu carreguei aquela sensação de humilhação muito grande, nem só pelo o que passei, mas pelo o que eu me permiti passar por não ter respondido.

O que faz a pessoa negra buscar pelo processo de identidade, é o desconforto em relação a própria autoimagem, conseqüentemente causado pelas condições sociais negativas remetidas a pessoas negras. (BENTO, 2014) esse fator possui influencia em situações em que a mulher negra passa por racismo e acaba não sabendo como reagir, visto que essa já possui um desconforto em relação a sua própria imagem pessoal:

(M) eu não sabia exatamente como reagir, na verdade eu não sabia nem como eu me identificava, então eu não sabia se ficava brava e me defendia de alguma maneira ou como eu iria reagir, mas na maioria das vezes eu ficava pensativa e receosa, eu ficava: “nossa, porque que isso está acontecendo comigo?” Então eu não sabia como reagir direito.

No discurso apresentado acima, quando a entrevistada diz: “imagina quem tem uma cor de pele mais escura, imagina o que passa” tem uma relação direta com o colorismo, que consiste em uma ideologia fundamentada em processos de discriminação baseados na cor da pele do sujeito, ou seja, quanto mais escura for a cor da pele, mais exclusão ele sofrerá (SILVA E SILVA, 2017). Nessa perspectiva, o (Centro de Referência Técnica em Psicologia [CREPOP],

2017) na cartilha sobre relações raciais diz sobre o fato de que há uma ideia enraizada no Brasil de que é “menos pior” ser pardo do que ser preto.

Por outro lado, quando o processo de se identificar como mulher negra está bem estabelecido e resolvido, fica menos complicado o enfrentamento a situações de racismo, o autoconhecimento também auxilia nesse processo:

(T) eu procurei conhecer meu corpo e me aceitar do jeito que eu sou. É claro que isso não é algo fácil, é diário. Tem dias que a gente acorda bem e tem dias que não. Mas, é compreender, é ouvir e internalizar. Eu acredito que... você não tem o corpo violado, você não tem uma boca dita como pequena ou então... um rosto afilado e está tudo bem. Isso é você, você é única, são questões assim, que eu procuro colocar para mim, então... não é algo que a gente supera, é algo que todo dia está batendo na sua porta. Então é construir e reconstruir sempre.

(F) a partir do momento que eu absorvo esse tipo de situação e levo para minha vida, aquilo de certa forma vai influenciar nas minhas atitudes, na forma como eu penso sobre mim e como me vejo então procuro não absorver muito essas situações.

(K) eu enfrento mesmo! Eu questiono, eu pergunto, eu peço argumento. “Mas porque disso? Por que você acha disso? Por que você está me perguntando isso?” Especificamente quando eu sofri a primeira vez na escola, eu não sabia me defender, então eu fiquei sem reação. (...) e de lá para cá nunca mais eu precisei que ninguém me defendesse, sempre questiono mesmo e a forma que a gente tem de deixar as pessoas sem graça em relação ao preconceito é quando acaba os argumentos dela e quando elas escutam as próprias palavras dela e veem o quão ridículo que é.

(M.2) Porque eu acho que as pessoas hoje em dia elas precisam dar a voz e não se calar diante desse tipo de coisa e hoje a lição que tive é que eu tenho que falar e questionar sim, e que quem não gostar paciência, mas eu sou negra, eu sou mulher e fora do padrão mas as pessoas precisam aceitar e pronto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que há diversas dificuldades enfrentadas por ser mulher negra na sociedade e essas dificuldades são vivenciadas desde a época da escravidão até os dias atuais, devido ao estigma de que ser negro é algo negativo. O objetivo foi compreender quais as consequências psíquicas e sociais vivenciadas por mulheres negras, quais as dificuldades e quais as formas de enfrentamento ao racismo.

Portanto, a pesquisa foi feita numa cidade que apesar de ser baiana, há uma vasta quantidade de pessoas brancas do sul do Brasil e dispõe de uma realidade desigual que ainda se perpetua processos de racismo, preconceitos e discriminação. A partir disso, a pesquisa realizada em uma clínica escola de psicologia, com nove mulheres negras colocou as participantes da pesquisa como sujeitos diversas vivências de racismo e dificuldades na construção da própria identidade negra, demonstrando a importância da pesquisa a fim de compartilhar conhecimento sobre o tema.

Com a análise dos resultados categorizados, foi visto que o discurso das mulheres classificou três categorias finais sobre a realidade que vivem. A primeira delas foi a não aceitação das características negras, que demonstra o quanto a estrutura do cabelo e traços negroides influenciou em situações de racismo, e dentro dessa perspectiva há o processo de transição capilar que é quando sua autoidentificação e o processo de autoconhecimento como mulher negra começa a ser desenvolvida.

A segunda categoria levantada pelas entrevistadas foram as dificuldades na

construção da identidade, que é algo muito comum entre mulheres negras, pois como ser negro é visto socialmente como algo negativo, o processo de identidade dessas tornam-se mais desafiadores, e com isso acaba acarretando em consequências do racismo na autoestima.

O terceiro e último levantamento realizado foi o racismo institucional, pois é notório que as entrevistadas sofreram discriminações em seus locais de trabalho, escola e em ambientes dos quais frequentam. Além disso, a invisibilidade dos corpos negros foi pauta em alguns discursos, visto que esses são ignorados em locais de predominância de pessoas brancas. As formas de enfrentamento frente ao racismo podem variar em relação a como a mulher negra tem seu processo de construção de identidade, quando ele está bem estabelecido, há uma facilidade maior em enfrentar esses processos, por outro lado, quando há dificuldades em se enxergar como mulher negra, há consequências na autoestima e em como a mulher negra lida com situações de racismo.

Todo o debate realizado traz dados importantes sob uma realidade difícil vivenciada por mulheres negras, que ora são fortes para enfrentarem o racismo, ora estão desgastadas e optam por ignorá-los ou negá-los, processos estes que estão ligados ao nível de construção de identidade. A ideologia do branqueamento mostra que por vezes, mulheres negras deixam de lado sua identidade da negritude, para que haja um enquadramento no que a sociedade impõe.

Ficou nítida a importância de se falar mais sobre esses processos que a ideologia do branqueamento produz, desde a época escolar, familiar até a época acadêmica e profissional. Que é nesses âmbitos sociais que mais geram consequências psíquicas voltadas a mulheres negras. A falta de debates sobre o tema faz com que as formas do racismo estrutural e institucional se instale e provoque baixa autoestima e dificuldades na construção da própria identidade em mulheres negras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo- SP: Polén, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BATLIWALA, Srilatha. **The meaning of women's empowerment: new concepts from action**. In: GERMAIN, L. C. Chen (ed.). *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*. Boston: Harvard University Press, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. **Pepsic. Periódicos eletrônicos sobre Psicologia**. Psicologia para América Latina, n. 1, p. 0-0, 2004.

BOCK, Ana Mercês Bahia. O compromisso social da psicologia: contribuições da perspectiva sócio-histórica. **Psicologia em foco**, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2008.

CARAPELLO, Raquel. O racismo camuflado pelo bullying. **Revista Educação - UNG-Ser**, v. 15, n. 1, p. 171-178, 2020.

CREPOP. Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. **Relações raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os**. Brasília, 2017. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/publicacao/relacoes-raciais-referencias-tecnicas-para-pratica-dao-psicologao>>. Acesso em: 15 de fev. 2021

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. 1. ed. Salvador: UFBA, 2008.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista brasileira de Educação**, p. 40-51, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Cláudia; DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. Consumo e identidade: o cabelo afro como símbolo de resistência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, n. 27, p. 184-205, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MATOS, Lídia de Oliveira. **Transição capilar: cabelos, consumo e interseccionalidade no ciberespaço**. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista pesquisa qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

QUEIROZ, Rafaela Cristina de Souza. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 12, n. 40, p. 213-230, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

ROSÁRIO, Thaís Souza do. **A contribuição das youtubers e blogueiras negras à autoestima de mulheres negras**. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Humanidades). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. Editora SESI-Serviço Social da Indústria, 2016.

SILVA BUENO, Bruna Leticia; AZEVEDO, Heloisa Helena Duval. Empoderamento feminino: trabalhando a autoestima na escola. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, 2019.

SILVA E SILVA, Tainan et al. O colorismo e suas bases históricas discriminatórias. **Direito UNIFACS–Debate Virtual**, n. 201, 2017.

SILVA, Luís Felipe Maracaípes Veleci da. **Ninguém veio me atender:** uma análise do consumo de moda pela juventude negra do DF. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília, 2019.

SOUSA, Aryclenny Silva; BRAGA, Claudomilson Fernandes. **O branqueamento da pessoa negra no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás, 2018

SOUZA, Natália de Lima. **Ethos e negritude:** cabelo e corpo como símbolos de identidade e autoestima de mulheres afrodescendentes. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

VAZ, Danielle; BONITO, Marco. Pantera Negra: A Representatividade Negra e o Afrofuturismo Como Forma de Construção da identidade. **Intercom–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.** Setembro, 2019.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. SPE, p. 244-248, 2019.

WESCHENFELDER, Viviane Inês; FABRIS, Elí Terezinha Henn. Tornar-se mulher negra: escrita de si em um espaço interseccional. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, 2019.